

Ensaio Final

Disciplina: Aprendizagem Social: uma Visão Evolucionista

Aluna: Carla Ribeiro nº USP 12997328

"É preciso uma aldeia para criar uma criança"

A vida coletiva emerge da habilidade humana de organizar e comunicar experiências por meio da narrativa. Cada história começa com a quebra das expectativas, sendo esta desrupção essencial para a narrativa. As narrativas populares e culturais são construídas na dialética da expectativa, onde o esperado contrasta com o que acontece, fornecendo uma ferramenta para resolver ou confrontar problemas. As histórias são sempre contadas de uma perspectiva particular, refletindo a visão do narrador e suas intenções (Bruner, 2003).

Segundo o mesmo autor, a criação do eu é um processo narrativo constante, influenciado por modelos culturais implícitos sobre o selfhood. Não há um eu estático, mas sim uma construção contínua moldada por memórias passadas e aspirações futuras, essa capacidade de contar histórias sobre nós mesmos é fundamental para a existência do selfhood.

A narrativa também desempenha um papel crucial na cultura, permitindo-nos lidar com o inesperado e alcançar um entendimento da condição humana. Ela domestica o inesperado, proporcionando uma sensação de normalidade e coesão cultural. Por meio da narrativa, construímos nossa identidade e exploramos o mundo ao nosso redor, adaptando-nos às novas circunstâncias e desafios. A capacidade de contar histórias é essencial para nossa compreensão da realidade e para nossa interação com os outros. Além disso, a narrativa nos permite construir, reconstruir e reinventar o passado e o futuro, mesclando memória e imaginação. A ficção narrativa cria mundos possíveis, desafiando e confortando simultaneamente (Bruner, 2003).

A ontogênese da narrativa, desde os movimentos até o significado, destaca a importância dos primeiros impulsos para dar sentido ao mundo ao nosso redor, começando com a interação social antes mesmo da expressão linguística. Crianças pequenas, em um ambiente familiar, iniciam essa jornada de descoberta através da imaginação e do estímulo criativo de seus cuidadores. À medida que aprendem a usar palavras para contar histórias, o significado é construído em torno das motivações dos personagens, seus efeitos sobre outros e o resultado. Esses impulsos narrativos têm origens profundas na dinâmica de vitalidade do brincar na infância, dando forma às percepções e relações sociais. A consciência narrativa, animada por uma consciência emocional primária, é fundamental na construção de significado compartilhado em diversas esferas da vida humana (Delafield-Butt e Trevarthen, 2015).

Ensaio Final

Disciplina: Aprendizagem Social: uma Visão Evolucionista

Aluna: Carla Ribeiro nº USP 12997328

O desenvolvimento da narrativa infantil é um processo complexo que passa por várias etapas cruciais. Inicialmente, por volta dos 2 anos, as crianças começam a expressar suas primeiras histórias, geralmente narrando eventos simples de suas vidas cotidianas. Entre os 2 e 3 anos de idade, essas narrativas evoluem para incluir certos critérios, como título, início e conclusão, além do uso do tempo verbal passado. Após os 3 anos, as crianças contam histórias cada vez mais estruturadas e convencionais. Elas desenvolvem a capacidade de construir narrativas que envolvem pessoas reais e imaginárias, utilizando conexões temporais e causais lógicas. Além disso, começam a descrever os motivos e emoções dos personagens envolvidos, construindo a história como uma cadeia de eventos. Durante esse estágio, também começam a imitar a fala de diferentes personagens, utilizando diferentes entonações e cores de voz, e fazem uso de metalinguagem para refletir sobre a própria narrativa (Marjanovič-Umek, et. al., 2005).

Considerando o desenvolvimento mais lento e a imaturidade prolongada de primatas em geral, os bebês humanos são totalmente dependentes de cuidadores para a sua sobrevivência. Os animais humanos possuem o maior período de desenvolvimento entre todas as espécies, incluindo estágios de história de vida aparentemente únicos ao homo sapiens, como a infância intermediária e a adolescência. São necessários muitos anos de cuidados e muito tempo investido a uma criança para o seu desenvolvimento. Um comportamento observado em diferentes espécies, é a extensão do cuidado dos filhos ao grupo em que a mãe está inserida. Essa prática em que os indivíduos do grupo ajudam a mãe no cuidado de seus filhos é denominado “alloparenting”, que além de ser de grande ajuda para as mães primatas, também permite que os infantes tenham mais chances de sobreviverem e se desenvolverem a essa longa infância até a idade reprodutiva (Pellegrini e Bjorklund, 2002).

Esses bebês que exigem tantos cuidados não só da mãe, como também de outros membros do grupo, possuem características “fofas” que evocam sentimentos positivos nos adultos responsáveis promovendo o apego e cuidado paternal pelo bebê. Hrdy sugere que o vínculo pai-filho pode ter sido a base dos vínculos pai-mãe-filho nas famílias humanas. Influências históricas e evolutivas moldam as práticas de cuidado de crianças ao longo do tempo. Assim, esse prolongamento na infância pode ter permitido maior flexibilidade de aprendizagem necessária a sobrevivência e sucesso reprodutivo dos humanos ao longo da evolução. Um bebê Neandertal de dois anos, por exemplo, possui um crânio equivalente ao de uma criança humana moderna aos seis anos, indicando um período mais curto de desenvolvimento e provável menor flexibilidade neural. A flexibilidade observada nos Homo sapiens se alinha com o aumento da complexidade social e a habilidade de explorar recursos através do uso de ferramentas. Além disso, o

Ensaio Final

Disciplina: Aprendizagem Social: uma Visão Evolucionista

Aluna: Carla Ribeiro nº USP 12997328

prolongamento desse período de desenvolvimento possibilita que as crianças assumam papéis sociais complexos dentro da cultura em que estão imersas. Do ponto de vista do desenvolvimento, o atraso no amadurecimento parece ser o mecanismo mais sensível às pressões de seleção, tornando-se um aspecto crucial no processo evolutivo que culminou na formação dos humanos modernos. Outros pontos corroborados na literatura é que cérebros maiores evoluíram para lidar com os desafios da cooperação e competição entre indivíduos do mesmo grupo, enquanto uma dieta de maior qualidade foi fundamental para o desenvolvimento de habilidades cognitivas mais elaboradas (Pellegrini e Bjorklund, 2002).

As adaptações ontogenéticas são características ou comportamentos que servem a uma função específica durante estágios particulares do desenvolvimento e desaparecem uma vez que não são mais necessárias. Essas adaptações são cruciais para entender como as experiências da vida inicial evoluíram para atender às necessidades do organismo em desenvolvimento. Exemplos incluem adaptações pré-natais como a placenta em mamíferos e adaptações da infância, como a amamentação e reflexos como o de busca e sucção. A imitação neonatal, onde os bebês imitam certos gestos faciais, é considerada uma adaptação ontogenética que facilita a interação precoce. As habilidades de memória dos bebês e sua atenção a eventos recorrentes em seu mundo social também são vistas como adaptações que auxiliam na sobrevivência. Além disso, características infantis, como olhos grandes e um nariz pequeno, promovem comportamentos de cuidado, mostrando o papel das adaptações ontogenéticas no fortalecimento dos laços sociais. Isso ilustra como as adaptações ontogenéticas desempenham um papel vital não apenas na infância, mas também se estendem para a infância, influenciando como os indivíduos são percebidos e cuidados pelos adultos (Bjorklund, 2016).

O ambiente familiar desempenha um papel crucial no desenvolvimento das habilidades narrativas das crianças. Especialmente a educação materna tem sido associada a um maior desenvolvimento linguístico nas crianças, com aquelas cujas mães possuem maior escolaridade começando a falar mais cedo, apresentando um vocabulário mais amplo e usando frases mais complexas. Além disso, pais e professores de pré-escola desempenham um papel importante ao estimular as habilidades narrativas das crianças por meio de atividades como leitura conjunta e jogo simbólico (Marjanovic-Umek, et. al., 2005).

Ensaio Final

Disciplina: Aprendizagem Social: uma Visão Evolucionista

Aluna: Carla Ribeiro nº USP 12997328

Dentro do ambiente pré-escolar, várias atividades têm sido associadas ao desenvolvimento das habilidades narrativas das crianças. A leitura conjunta entre professores e crianças tem um efeito positivo no desenvolvimento da narrativa, especialmente quando é de alta qualidade e envolve discussões sobre o livro. O jogo simbólico também é uma atividade valiosa, pois permite que as crianças negociem papéis, façam transformações cognitivas e linguísticas, e criem histórias coerentes com múltiplos elementos cognitivos e linguísticos (Marjanovic-Umek, et. al., 2005).

Além disso, a qualidade do ambiente pré-escolar desempenha um papel protetor no desenvolvimento linguístico, especialmente para crianças de famílias com menos recursos. A inscrição precoce em pré-escolas de alta qualidade pode compensar certas deficiências no desenvolvimento linguístico associadas a ambientes familiares de menor qualidade. Em suma, o desenvolvimento da narrativa infantil é um processo contínuo e multifacetado, influenciado por uma variedade de fatores ambientais e sociais (Marjanovic-Umek, et. al., 2005).

As pesquisas sobre diferenças individuais também mostram que, embora as crianças adquiram uma compreensão da mente durante a infância, o cronograma de desenvolvimento para a Teoria da Mente depende de vários fatores ambientais relacionados às interações familiares e entre irmãos. Estratégias de criação, conversas sobre sentimentos e emoções na família e o uso da linguagem relacionada ao estado mental pelos pais, bem como a presença de irmãos, afetam como a compreensão da Teoria da Mente (Shahaeian, et al. 2013).

Esse ajuste dinâmico entre parceiros opera em níveis comportamentais e biológicos, envolvendo contribuições recíprocas que transcendem ações individuais. Enraizada na evolução e fisiologia, a correção é exemplificada em interações entre pais e filhos, onde os pais têm predisposição biológica para sintonizar com seus bebês, e os bebês, por sua vez, esperam interações sintonizadas. Esse processo envolve ligações bidirecionais e pode ocorrer consciente ou inconscientemente, apoiado por testes estatísticos de dependência. Concordância reflete covariação no status dos parceiros, enquanto similaridade denota níveis médios equivalentes entre parceiros. Contingência destaca a causalidade mútua na correção (Bornstein, 2023).

A correção atua como precursora da autorregulação, especialmente na infância, onde a dependência dos cuidadores é alta. A autorregulação emerge de processos correção dentro das interações entre pais e filhos, envolvendo a coordenação de

Ensaio Final

Disciplina: Aprendizagem Social: uma Visão Evolucionista

Aluna: Carla Ribeiro nº USP 12997328

sistemas biológicos e comportamentais. Tanto o pai quanto a criança contribuem para a correção, moldando as capacidades regulatórias da criança. Essa abordagem multinível para coregulação pai-filho explora interações hormonais, autonômicas e do sistema nervoso central, junto com manifestações comportamentais. Compreender a coregulação lança luz sobre as dinâmicas complexas subjacentes aos relacionamentos interpessoais e ao desenvolvimento humano (Bornstein, 2023).

O processo de coregulação comportamental entre pais e filhos é multifacetado e ocorre em vários níveis, incluindo sistemas hormonais, nervosos autônomos e centrais, bem como níveis cerebrais. Além disso, a coregulação comportamental é uma característica regular do comportamento interpessoal. Pais e filhos compartilham certas características psicológicas e demonstram semelhanças em atividades físicas, funções cognitivas e até mesmo preferências alimentares. Também foram observadas contingências mútuas entre pais e filhos em relação ao contato visual, expressões faciais, prosódia na fala e atenção. Estudos mostraram que mães vocalizam de forma contingente em resposta às vocalizações de seus bebês, e vice-versa, refletindo uma interação vocal mãe-bebê. Além disso, mães e bebês emparelhados tendem a se relacionar em várias atividades comportamentais de maneira específica. Esse tipo de coregulação comportamental entre pais e filhos é robusto e parece resistir a certas disfunções, como demonstrado em casos de depressão materna ou em relacionamentos com crianças com necessidades especiais. Essa coregulação é essencial para o bem-estar biológico, socioemocional e cognitivo da criança ao longo da vida. Entender os diferentes aspectos desse fenômeno é crucial para a pesquisa e teoria em ciências do desenvolvimento e parentalidade (Bornstein, 2023)

De acordo com a teoria do desenvolvimento evolutivo, bebês e crianças desenvolveram mecanismos para otimizar o cuidado parental, adaptando-se às circunstâncias locais, enquanto os pais evoluíram para avaliar o valor de cada filho e decidir sobre o investimento parental. Todos os filhos competem pelos recursos parentais, resultando em uma dinâmica familiar complexa, explicada pela teoria do investimento parental de Trivers. Além disso, a ordem de nascimento pode influenciar a personalidade dos filhos, conforme sugerido por Sulloway. A presença de irmãos mais velhos está associada a um melhor desempenho em tarefas de teoria da mente, destacando a importância do ambiente social no desenvolvimento dessas habilidades. Em resumo, os relacionamentos entre irmãos refletem uma interação complexa entre fatores genéticos,

Ensaio Final

Disciplina: Aprendizagem Social: uma Visão Evolucionista

Aluna: Carla Ribeiro nº USP 12997328

ambientais e sociais, moldando o desenvolvimento e o comportamento ao longo da vida (Pellegrini e Bjorklund, 2002).

A teoria da mente é crucial para interações sociais complexas entre humanos, permitindo a compreensão das crenças e desejos dos outros. Cosmides e Tooby evidenciaram a especialização cognitiva em contextos sociais, mostrando que, ao lidar com problemas de contrato social, como determinar quem pode beber álcool com base na idade, os participantes aplicavam uma lógica específica, virando apenas as cartas relevantes. Essa habilidade, denominada "detectores de trapaceiros", demonstra que os humanos desenvolveram mecanismos cognitivos específicos para lidar com contratos sociais. No entanto, essa especialização não se estende necessariamente a problemas abstratos não relacionados a contratos sociais, revelando uma discrepância de desempenho entre diferentes tipos de problemas. Esses estudos sugerem que o raciocínio deontológico está envolvido em problemas de contrato social, enquanto problemas abstratos refletem raciocínio descritivo (Pellegrini e Bjorklund, 2002).

Convergente a esse pensamento, Bruner (1986) propôs duas formas distintas de pensamento: o "pensamento narrativo", voltado para questões pessoais e deontológicas, e o "pensamento paradigmático", focado em raciocínio lógico e matemático. Cada forma é ativada por diferentes contextos ambientais: o pensamento narrativo por situações pessoais e quebras de convencionalidade, enquanto o pensamento paradigmático lida com questões abstratas. Essa dualidade sugere que os seres humanos possuem lógicas distintas para lidar com interações sociais específicas e problemas mais formais (Pellegrini e Bjorklund, 2002).

O ambiente desempenha um papel crucial no desenvolvimento da espécie. Observações de primatas criados por humanos mostram que um ambiente modificado pode afetar significativamente o comportamento, levando a habilidades cognitivas mais semelhantes às de crianças humanas. Estudos mostram que primatas enculturados exibem níveis superiores de imitação diferida, indicando o surgimento de habilidades representacionais em contextos semelhantes aos humanos (Pellegrini e Bjorklund, 2002).

Estudos de primatas exploram estratégias de atenção conjunta, indicando uma possível evolução cognitiva em direção ao Homo sapiens. Evidências de enculturação em grandes símios mostram imitação e comunicação mais desenvolvidas em indivíduos com contato humano, destacando o impacto ambiental na cognição evolutiva (Pellegrini e Bjorklund, 2002).

Ensaio Final

Disciplina: Aprendizagem Social: uma Visão Evolucionista

Aluna: Carla Ribeiro nº USP 12997328

Essa plasticidade ao longo da ontogenia de animais com grandes cérebros, permite que a experiência molde a formação cerebral e a aprendizagem, sendo um processo construtivo semelhante ao modelo de Piaget para o desenvolvimento cognitivo (Pellegrini e Bjorklund, 2002).

Nem sempre as crianças têm o necessário para o seu desenvolvimento no ambiente em que nasceram, experimentando privações precoces relativas ao cuidado parental inadequado. Mas a plasticidade neural permite reverter esse quadro com a estimulação adequada (Pellegrini e Bjorklund, 2002).

No livro *Socioeconomic Status, Parenting, and Child Development* (2002), editado por Marc H. Bornstein e Robert H. Bradley há capítulos dedicados ao status socioeconômico e ao desenvolvimento infantil lançam luz sobre a complexidade das relações entre SES, parentalidade e desenvolvimento infantil. Eles ressaltam a necessidade de uma compreensão ampla e multifacetada desses fenômenos, reconhecendo o impacto dos fatores socioeconômicos na dinâmica e na estrutura familiar, bem como no desenvolvimento das crianças. Estes capítulos sublinham a importância de adotar abordagens integrativas e relacionais para compreender os processos de desenvolvimento humano, em contraste com abordagens fragmentadas e simplistas.

Apesar de estar em diferentes escalas temporais, a filogenia e a ontogenia são processos em desenvolvimento na interação entre o organismo e o ambiente. Como é de costume na ciência psicológica, existe uma fragmentação no estudo desses dois conceitos a partir de diferentes abordagens teóricas que muitas vezes carecem de coesão. Enquanto a psicologia do desenvolvimento enfatiza processos ontogenéticos, a psicologia evolucionista prioriza processos filogenéticos. Houve algumas tentativas para aproximar o estudo da filogenia na psicologia do desenvolvimento, contudo, há incongruências e dificuldades nessa comunicação entre teorias. Os psicólogos do desenvolvimento reivindicam por um modelo específico na psicologia evolucionista para explicar as interações gene-ambiente ao longo do desenvolvimento, como também criticam a ênfase no período adulto, como, por exemplo, em estratégias sexuais e escolha de parceiros. Esse foco fez com que outros estágios muito importantes, como a infância e adolescência ficassem em segundo plano em relação às preocupações com o adulto. (Bjorklund e Pellegrini, 2002)

Devido a essa dificuldade de aplicabilidade da psicologia evolucionista ao desenvolvimento humano, uma possibilidade de integração entre a evolução e o

Ensaio Final

Disciplina: Aprendizagem Social: uma Visão Evolucionista

Aluna: Carla Ribeiro nº USP 12997328

desenvolvimento foi apresentada por Bjorklund e Pellegrini (2002) por meio do campo da psicologia evolucionista do desenvolvimento como um híbrido entre as duas disciplinas. Embora a psicologia evolucionista clássica ter negligenciado a ontogenia, há esforços e pesquisas na psicologia evolucionista contemporânea que buscam essa integração, tirando o foco das adaptações subjacentes, para uma compreensão que integra o “inato” e “aprendido” como interdependentes, a partir da abordagem dos sistemas de desenvolvimento. Nessa teoria o desenvolvimento é uma consequência da transação contínua entre fatores biológicos e ambientais em múltiplos níveis de organização, desde o genético até o cultural. (Bjorklund e Pellegrini, 2002)

No artigo "Evolving Evolutionary Psychology", Darcia Narvaez et. al. (2021) questionam a abordagem tradicional da psicologia evolucionista, argumentando que está enraizada em paradigmas ultrapassados, como o adaptacionismo neo-darwiniano e o modelo computacionalista "mente-como-computador". Propondo uma abordagem mais inclusiva e desenvolvimentista da psicologia evolucionista que inclui os conceitos como epigênese e ciência do desenvolvimento, reconhecendo a importância da plasticidade humana e da história evolutiva. Contudo, em resposta a esse artigo, Bjorklund et. al. (2022) concordam com a importância do desenvolvimento na explicação evolutiva, mas argumentam que abordagens contemporâneas da psicologia evolucionista já abordam essas preocupações, mantendo uma perspectiva adaptacionista. Destacando a necessidade de considerar tanto os relatos evolucionistas quanto os desenvolvimentais para uma compreensão abrangente da psicologia evolucionista.

Como observado por Ingold (2001), as estruturas neurológicas e as formas (artefatos) que Sperber chama de representações não são causas e efeitos umas das outras, mas emergem juntas como momentos complementares de um processo único – isto é, o processo da vida das pessoas no mundo. É dentro deste processo que todo conhecimento é constituído.

Na perspectiva apresentada por Bjorklund e Pellegrini (2002), a psicologia evolutiva do desenvolvimento compreende que os comportamentos e cognições dos adultos e das crianças são produtos da seleção natural. Mas, não considera apenas os universais humanos, como também a adaptação dos indivíduos às circunstâncias ambientais. Essa visão inclui a abordagem dos sistemas de desenvolvimento, que especifica como os fatores biológicos e ambientais interagem em múltiplos níveis para produzir um padrão específico de ontogenia. Novas estruturas e funções emergem nessa

Ensaio Final

Disciplina: Aprendizagem Social: uma Visão Evolucionista

Aluna: Carla Ribeiro nº USP 12997328

transação contínua desde o genético até o cultural, em que os indivíduos herdam não apenas um genoma típico, mas também um ambiente típico da espécie.

Há alguns benefícios adaptativos que contar histórias pode ter conferido aos grupos humanos ancestrais. Primeiramente, o ato de contar histórias pode ter beneficiado os indivíduos ao permitir que manipulassem informações para influenciar as crenças de suas audiências em benefício dos próprios contadores. Em segundo lugar, o contar histórias pode ter aumentado o nível de aptidão do grupo ao constituir um veículo para a transmissão eficiente de informações relevantes para a sobrevivência. Em terceiro lugar, contar histórias pode ter beneficiado os grupos ao facilitar a coesão social ou a coordenação de ações cooperativas (Bietti, et. al., 2018).

No entanto, como abordado pelos mesmos autores, nem sempre são claros os benefícios específicos que contar histórias confere em relação a outras formas de uso da linguagem ou interação social. Assim, é proposto que o benefício específico de contar histórias seja seu uso como dispositivo para construção de sentido coletivo de eventos não rotineiros ou inesperados que impactam a vida cotidiana do grupo. Os processos de contar histórias são fundamentalmente construtivos, o que os torna adequados para gerenciar a adequação entre estruturas de conhecimento pré-existentes e eventos inesperados. Essa função de construção de sentido coletivo das histórias é ampla o suficiente para explicar tanto a forma como as histórias são usadas em situações cotidianas comuns quanto como os rumores podem surgir e se espalhar para preencher uma lacuna de informação em uma situação de grupo altamente ambígua (Bietti, et. al., 2018).

Referências

Bietti, L. M., Tilston, O., & Bangerter, A. (2018). Storytelling as Adaptive Collective Sensemaking. *Topics in Cognitive Science*, 11(4), 710–732. <https://doi.org/10.1111/tops.12358>

Bjorklund, D. F. (2016). Ontogenetic Adaptations. *Encyclopedia of Evolutionary Psychological Science*, 1–3. https://doi.org/10.1007/978-3-319-16999-6_2388-1

Bjorklund, D. F., & Pellegrini, A. D. (2002). The origins of human nature: Evolutionary developmental psychology. *American Psychological Association*. <https://doi.org/10.1037/10425-000>

Bjorklund, D. F., Ellis, B. J., & Geary, D. C. (2022). Developing evolutionary psychology: Commentary on Narvaez et al. (2022). *American Psychologist*, 77(6), 781–783. <https://doi.org/10.1037/amp0001004>

Bornstein, M. H., & Esposito, G. (2023). Coregulation: A Multilevel Approach via Biology and Behavior. *Children (Basel, Switzerland)*, 10(8), 1323. <https://doi.org/10.3390/children10081323>

Bruner, J. S. (2003). *Making stories : law, literature, life*. Harvard University Press.

Delafield-Butt, J. T., & Trevarthen, C. (2015). The ontogenesis of narrative: from moving to meaning. *Frontiers in psychology*, 6, 1157. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01157>

Ingold, T. (2001). From the transmission of representation to the education of attention. In H. Whitehouse (Ed.), *The debated mind: Evolutionary psychology versus ethnography* (pp. 113–153). Berg.

Marjanovič-Umek, L., Fekonja-Peklaj, U., Sočan, G., & Tašner, V. (2015). A socio-cultural perspective on children's early language: a family study. *European Early Childhood Education Research Journal*, 23(1), 69–85. <https://doi.org/10.1080/1350293x.2014.991096>

Narvaez, D., Moore, D. S., Witherington, D. C., Vandiver, T. I., & Lickliter, R. (2022). Evolving evolutionary psychology. *The American psychologist*, 77(3), 424–438. <https://doi.org/10.1037/amp0000849>

Shahaeian, A., Nielsen, M., Peterson, C. C., & Slaughter, V. (2013). Cultural and Family Influences on Children's Theory of Mind Development. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 45(4), 555–568. <https://doi.org/10.1177/0022022113513921>